

Dilemas atlânticos

A fractura da opinião pública

Tiago Marques

O dia 1 de Maio de 2003 marcou o fim das operações militares no Iraque, anunciando uma nova era nas relações entre os países árabes da região e os Estados Unidos da América. A queda de Bagdad e o sucesso inicial da coligação anglo-americana de norte a sul do país permitiu também dar um novo ímpeto ao processo de paz no Médio Oriente, que culminou com a realização da cimeira de Aqaba entre Ariel Sharon e Mahmoud Abbas e a consequente assinatura de uma trégua entre Israel e os principais grupos armados palestinos.

Três meses passados, o Iraque transformou-se num atoleiro para as forças militares norte-americanas e britânicas e o Roteiro da Paz entre israelitas e palestinos parece caminhar para uma morte lenta, aliás há muito anunciada. Entretanto, a opinião pública mundial mantém a pressão sobre os líderes políticos dos seus países, na sequência das grandes manifestações de Fevereiro passado. Deverá a União Europeia desafiar a supremacia norte-americana na grande arena internacional? Quais as consequências da acção unilateral anglo-americana no Iraque para a parceria transatlântica? Três recentes sondagens analisam a opinião pública europeia e norte-americana *vis-à-vis* os últimos acontecimentos internacionais. *A Transatlantic Trends 2003*, realizada pelo *German Marshall Fund of the United States*, *A TNS Sofres/Gallup International* sobre a opinião pública internacional após a guerra no Iraque e a "*Views of a Changing World 2003*" do *Pew Research Center* de Washington.

Quer os resultados da *Transatlantic Trends 2003* quer os da sondagem da Sofres/Gallup são uma demonstração exemplar do aumento exponencial de opiniões desfavoráveis relativamente à política externa norte-americana por parte da opinião pública europeia. O estudo efectuado pelo *German Marshall Fund* revela-nos uma Europa profundamente desencantada com os Estados Unidos. No espaço de apenas um ano, os europeus que declararam indesejável a existência de uma forte liderança nos assuntos mundiais por parte dos EUA subiu de 31% para 49%, com alemães (de 27% para 50%), franceses (48% para 70%) e italianos (33% para 50%) a liderarem o pelotão da contestação.

Portugal apresenta, apesar de tudo, uma apreciação mais lisonjeira da administração norte-americana, com 44% dos portugueses inquiridos a declararem indesejável essa mesma liderança. Quando directamente questionados sobre a actuação da administração Bush, os resultados da sondagem são ainda mais claros, com 64% da opinião pública europeia a manifestar-se contra o modo como o Presidente dos EUA tem gerido a política externa do seu país. Com 81% dos alemães e 82% dos franceses em oposição clara a Bush, o eixo Paris-Berlim, impelido pelos cidadãos dos dois países, ganha assim uma nova legitimidade política em contraposição ao poder de Washington.

O impacto da intervenção anglo-americana no Afeganistão, e mais recentemente, no Iraque, foi também um catalisador importante na evolução da opinião pública europeia no pós-11 de Setembro. Assim, e de acordo com a sondagem da Sofres/Gallup International, 82% da população francesa e 72% da alemã é unânime em considerar que o mundo se tornou mais perigoso após a eclosão de ambos os conflitos, independentemente do aparente sucesso militar das intervenções. Curiosamente, apenas 36% dos inquiridos norte-americanos têm a mesma opinião relativamente a esta questão, o que demonstra uma certa permissividade por parte do povo americano para com a actuação dos seus responsáveis políticos.

A questão da justificação da intervenção militar aliada no Iraque é talvez a que mais divide europeus e norte-americanos. Se 65% dos inquiridos franceses e 68% dos alemães e espanhóis pensam que a intervenção militar não teve qualquer justificação, já a mesma percentagem de inquiridos nos Estados Unidos (68%) pensa que a mesma foi plenamente justificada. Consequentemente, existem maiorias claras que defendem a ideia de que os Estados Unidos têm tendência a recorrer à força contra países terceiros intempestivamente, com 87% dos franceses e 68% dos espanhóis a concordarem com tal afirmação, enquanto que apenas 38% dos inquiridos norte-americanos aceitam tal ideia.

A *Transatlantic Trends 2003* é elucidativa relativamente à forma como europeus e norte-americanos possuem uma percepção diametralmente oposta em relação às formas de actuação perante potenciais ameaças futuras à ordem internacional. Enquanto que apenas 34% dos inquiridos europeus apoiariam uma intervenção militar unilateral por parte dos EUA na Coreia do Norte e no Irão – com a percentagem a subir para 46% no caso de uma operação legitimada pelo Conselho de Segurança da ONU –, 63% dos norte-americanos aprovavam uma intervenção unilateral por parte do seu país, tendo uma maioria de 3/4

dos inquiridos (74%) confirmado que dariam o seu apoio a essa mesma intervenção se esta fosse caucionada pelas Nações Unidas.

Tais resultados têm um reflexo directo no desejo expresso de transformar a União Europeia numa superpotência, onde a opinião pública portuguesa se destaca ao dar um apoio maciço (80% dos inquiridos) a tal desiderato, apenas ultrapassada pelos 89% de inquiridos franceses que defendem a mesma ideia.

Finalmente, no que diz respeito ao conflito israelo-palestino, as posições da opinião pública europeia e norte-americana são, apesar de tudo, mais aproximadas. A sondagem Sofres/Gallup International indica que a grande maioria dos inquiridos europeus (82% dos franceses e 80% dos alemães) concorda com a ideia de que não pode haver paz na região do Médio Oriente sem que seja encontrada uma solução para esse mesmo conflito, com 64% dos inquiridos norte-americanos a defender a mesma posição.

No que se refere a métodos de persuasão a aplicar sobre israelitas e palestinianos, a *Transatlantic Trends 2003* revela uma ligeira diferença de opinião entre europeus e norte-americanos na forma de lidar com ambos os lados. Enquanto que a opinião pública norte-americana dá claramente preferência à imposição de sanções aos palestinianos – 50% dos inquiridos nos EUA defendem o corte de qualquer ajuda económica à Autoridade Palestiniana enquanto não cessarem os ataques suicidas em território israelita, e 70% acha que os EUA devem aumentar a pressão sobre os estados árabes vizinhos –, os europeus são mais comedidos relativamente à aplicação de sanções económicas aos palestinianos (apenas 26% está de acordo com tal política). Europeus e norte-americanos, porém, concordam na necessidade de aumentar a pressão política sobre Israel para que se retire do território palestino.